

DESAFIOS E APRENDIZADOS NO TRABALHO COM ALUNOS “COPISTAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DISCENTES DO PIBID NO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Autores: Luana de Oliveira Albano e Tifany Thalita Souza Diniz.

¹Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, autor1 albluana054@gmail.com, autor2 tifany.thalita@gmail.com.

Resumo

A presente dissertação analisa um relato de experiência vivenciado por discentes participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando no Ensino Fundamental II. O enfoque do artigo está nos desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem com alunos identificados como "copistas", ou seja, estudantes cuja participação escolar se resume, majoritariamente, à cópia mecânica de conteúdos, muitas vezes por defasagem em leitura e escrita. A partir da observação de turmas de oitavo ano em uma escola pública de Ensino Fundamental II, e das práticas pedagógicas com as mesmas, são discutidas estratégias de intervenção, a importância da mediação docente e os impactos da formação inicial nesse contexto e para o desenvolvimento destes alunos, tanto em sua aprendizagem, quanto nas suas interações sociais.

Palavras-chave: PIBID, relato de experiência, alunos copistas, Ensino Fundamental II, formação docente.

Introdução

A formação inicial de professores, especialmente através de programas como o PIBID, permite uma imersão concreta e melhor preparação para a realidade escolar, revelando desafios que não podem ser vivenciados apenas com a utilização de livros e teoria acadêmica. Um dos fenômenos observados com frequência no cotidiano das escolas públicas, é a presença de alunos chamados "copistas", estudantes que participam das aulas quase exclusivamente por meio da reprodução de textos do quadro ou de apostilas, sem demonstrar compreensão ou reflexão sobre o conteúdo, e em muitos dos casos, por terem dificuldade de leitura e escrita, que carregam desde seu período de alfabetização.

Este relato se propõe a refletir sobre essa realidade a partir da vivência de discentes extensionistas do PIBID, atuando no Ensino Fundamental II. Se propondo à compartilhar experiências, dificuldades, estratégias aplicadas e aprendizados construídos ao longo do percurso.

Metodologia

A metodologia adotada caracterizou-se como pesquisa qualitativa de caráter descritivo, fundamentada na observação participante e no relato de experiência vivenciado no âmbito do PIBID. Inspirada na pedagogia freireana, que defende o diálogo e a problematização como eixos da prática docente (Freire, 1987). A intervenção buscou compreender e intervir no fenômeno dos "alunos copistas" a partir de um olhar crítico e humanizado. O trabalho desenvolveu-se em quatro etapas: Diagnóstico inicial, planejamento, intervenção pedagógica e avaliação. Foram aplicadas estratégias como atividades lúdicas, debates mediados, análise de fontes

históricas e produção textual colaborativa, seguindo a perspectiva de Libâneo (2013) de que metodologias ativas favorecem o protagonismo discente. Além disso, considerou-se a importância do estímulo cognitivo por meio de desafios e situações-problema, conforme aponta Piaget (1976/1987). Os registros em diário de campo, as produções dos estudantes e as reuniões de avaliação constituíram os principais instrumentos de análise, garantindo a reflexão contínua sobre a prática e o aprimoramento das ações.

Discussão

As atividades relatadas ocorreram em uma escola pública de ensino fundamental situada na periferia urbana, envolvendo turmas de 8º e 9º anos. Os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) atuaram de forma colaborativa no planejamento e na execução de ações pedagógicas na disciplina de História, sob supervisão dos professores da escola e orientação de docentes universitários. Conforme o Ministério da Educação, o PIBID tem como objetivo “inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador” (BRASIL, 2025, n.p.).

Desde o início da atuação, identificou-se um número expressivo de estudantes com perfil “copista”, caracterizados pelo baixo engajamento em atividades que demandavam interpretação, produção textual ou reflexão crítica, limitando-se à transcrição mecânica do conteúdo. Essa prática, embora aparente disciplina, revela uma aprendizagem superficial. Freire (1987) critica essa lógica ao descrever a “educação bancária” como aquela em que o aluno é mero receptor de informações, o que impede o desenvolvimento de sua consciência crítica.

Entre os desafios enfrentados pelos bolsistas ao lidar com os alunos copistas, destacaram-se:

- **Resistência à participação ativa:** medo de errar e desmotivação, levando à recusa em participar de atividades orais ou escritas além da cópia.
- **Ausência de repertório básico:** dificuldade em compreender textos simples ou formular frases completas, fazendo da cópia a principal estratégia de acompanhamento das aulas.
- **Naturalização da cópia:** práticas pedagógicas centradas na exposição e reprodução mecânica do conteúdo reforçavam esse comportamento.

Segundo Libâneo (2013), o ensino centrado exclusivamente na exposição oral do professor tende a reduzir o papel do aluno a um “agente passivo, que apenas ouve e reproduz”, sem desenvolver competências de análise e síntese. Essa postura contribui para a apatia, a dificuldade de socialização e, em alguns casos, o isolamento social e o bullying.

Com o objetivo de superar esses desafios, os bolsistas implementaram estratégias metodológicas que estimulassem a autonomia e a participação. Uma das principais foi o uso de atividades lúdicas. Conforme Piaget (1976), “o jogo é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança” (p. 160), sendo fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social. Ribeiro et al. (2024) confirmam que, quando bem planejados, jogos didáticos permitem “aplicar conceitos teóricos de forma prática e

contextualizada, incentivando o trabalho em equipe, a comunicação e a tomada de decisões” (p. 45).

Outra estratégia foi a produção de textos coletivos e individuais, com mediação constante dos bolsistas. Freinet (1998) defende que práticas de escrita colaborativa fortalecem a expressão livre e a cooperação, transformando a sala de aula em um “lugar de vida e produção, onde se aprende democracia pela participação” (p. 72). Também foram realizados debates curtos sobre temas próximos à realidade dos estudantes, com foco no desenvolvimento da oralidade e da escuta ativa. Além disso, foram utilizados recursos visuais e tecnológicos, como apresentações em slides e vídeos curtos, para contextualizar os conteúdos e despertar a atenção dos alunos. Silva (2017) destaca que “o uso de recursos diversificados promove aprendizagens mais significativas e prazerosas” (p. 89), especialmente quando aliado à mediação docente.

Por fim, Carneiro (2019) observa que atividades lúdicas no PIBID, mesmo quando utilizadas inicialmente para revisão de conteúdos, contribuem para “tornar a aula mais atrativa e instigar a curiosidade dos estudantes” (p. 102).

Apesar da resistência inicial de alguns alunos, as ações resultaram em avanços graduais e desiguais, evidenciando maior engajamento, participação e interação social, confirmando que estratégias pedagógicas diversificadas podem contribuir significativamente para transformar a postura de estudantes antes restritos ao papel de “copistas”.

Resultados

Apesar de existir resistência inicial, essas estratégias mostraram eficácia parcial: houve avanços graduais e heterogêneos, evidenciando maior interesse, participação ativa e envolvimento de parte dos estudantes.

Conclusão

A experiência vivenciada pelos discentes do PIBID evidenciou que a prática docente demanda não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade, paciência e criatividade. Lidar com alunos copistas transcende o desafio metodológico: implica compreender os contextos socioculturais, emocionais e pedagógicos que sustentam tal comportamento, indo além da simples reprodução escrita.

Mais do que aplicar novas estratégias de ensino, o maior aprendizado foi reconhecer o valor do vínculo afetivo, do encorajamento e da escuta ativa como elementos essenciais para promover a participação e a autonomia dos estudantes.

Nesse processo, a formação inicial se enriquece ao confrontar a complexidade da realidade escolar, transformando desafios em oportunidades de reflexão e crescimento profissional, e reafirmando que ensinar é, sobretudo, um ato de compromisso humano e social.

Como afirma Freire (1987, p. 68), “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro”. Assim, a experiência no PIBID reafirma que o ensino só se concretiza plenamente quando há diálogo, respeito e construção conjunta do conhecimento.

Agradecimentos

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pibid>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CARNEIRO, A. G. *Jogos no ensino de ciências: a experiência do PIBID/UFRPE*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203908>. Acesso em: 14 ago. 2025.

FREINET, Célestin. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
RIBEIRO, L. J. et al. Jogos didáticos no ensino de ciências – relato de experiência a partir do PIBID. *Revista Territorium Terram*, 2024. Disponível em: https://www.seer.ufsj.edu.br/territorium_terram/article/view/5513. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, A. P. *A inserção de jogos em práticas pedagógicas de alfabetização: uma experiência no PIBID*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2017. Disponível em: <https://dSPACE.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15250>. Acesso em: 14 ago. 2025.